



EDULETTERS

Perspetiva de investigação autobiográfica: contributos para a construção do conhecimento

Adília M. R. da Fonseca Ferreira da Cruz | adilia.cruz@agesc-arouca.pt

1

Introdução

Nos últimos anos, a investigação (auto)biográfica e narrativa tem ganho uma grande relevância nas ciências sociais e da educação (Bolivar, 2019). Este tipo de investigação foi adquirindo, dentro das ciências sociais, uma identidade própria, sendo reconhecida a sua pertinência e relevância para a produção de conhecimento.

Na senda de Poirier et al (1999) o corpus de análise é “[...] um material qualitativo constituído por um conjunto de histórias de vida, de sujeitos saídos de um universo populacional nitidamente definido e dos fins que se procura atingir [...]” sendo que as narrativas (auto)biográficas se configuram como objetos de pesquisa, visto que são recolhidas dos discursos de forma oral e/ou escritas de indivíduos representantes de um grupo social e/profissional (p. 108).

Neste texto, pretendemos partilhar reflexões sobre pesquisa tendo como fonte narrativas autobiográficas, bem como sistematizar questões sobre a respetiva análise compreensiva e interpretativa, tendo como referências questões teórico e metodológicas que importa considerar neste processo.

1. Narrativa autobiográfica: uma perspetiva metodológica

A investigação autobiográfica em ciências sociais e de educação surge num momento em que a pesquisa qualitativa nas ciências sociais aumentou significativamente e inscreve-se numa mudança de paradigma que assenta no “giro hermenêutico y narrativo” e surgiu nos anos setenta do século XX (Bolívar, 2019, p. 16). Neste paradigma emergente, segundo Santos (1998),



caminhamos para uma “nova relação entre a ciência e o senso comum, uma relação em que qualquer um deles é feito do outro e ambos fazem algo de novo”. A verdade é que “a ciência, em geral, depois de ter rompido com o senso comum, deve transformar-se num novo e mais esclarecido senso comum” (p. 9). um senso comum com base científica, em que a causa e a intenção coincidem, novo, mais esclarecido, prático, pragmático, esclarecedor, evidente e transparente, sendo, no entanto também superficial, indisciplinar, imetódico, retórico e metafórico que não ensina, mas persuade. Ao contrário da ciência moderna que se construiu em oposição ao senso comum, a ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum, por acreditar que a sua “dimensão utópica e libertador pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico” (p. 88). A verdade do conhecimento reside na sua adequação à prática que visa constituir e a crítica ao conhecimento implica sempre a crítica da prática social ao qual ele se pretende adequar. Este paradigma mais interpretativo confere às ciências sociais uma nova centralidade na busca de um novo senso comum.

“A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida” (Santos, 2019, p. 70).

Passa-se do paradigma positivista para uma “perspetiva interpretativa” em que o significado dos atores se converte no foco central da investigação. O conhecimento científico pós-moderno pretende interpretar o mundo da vida através da compreensão da experiência vivida e narrada dos indivíduos que formam a sociedade. Com as metodologias biográficas é dada uma maior relevância às dimensões do discurso e do texto, “a vida só se compreende através das histórias que contamos sobre ela, então, podemos dizer que uma vida examinada é uma vida narrada” (Ricoeur, 2006, p. 20). Enquanto método de investigação, as narrativas autobiográficas estão associadas a uma mudança paradigmática. Essa mudança colocou em evidência a necessidade de se repensar a forma de ver e analisar a realidade, de se estabelecer um novo estatuto científico capaz de dar conta e de explicar as pequenas coisas, o quotidiano, o simples, o comum, em detrimento das grandes explicações. Trata-se de estabelecer e valorizar a relação entre o singular e o universal, o específico e o geral, a pessoa e o mundo, tendo em vista que “se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia,



podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma praxis individual” (Ferrarotti, 1988, p. 26). Segundo Delory-Momberger (2003, 2005), através da pesquisa biográfica tenta perceber-se a relação singular que o indivíduo mantém com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Advém daqui a ideia de que a singularidade da pesquisa biográfica “não é uma singularidade solipsista, é uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e os seus materiais” (Delory-Momberger, 2012, p. 524). A potencialidade das narrativas autobiográficas centra-se no fato de a história de vida de uma pessoa poder revelar muito além de simples acontecimentos, caracterizando-se como meio de apreensão e análise dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada indivíduo na interface consigo mesmo (face to face), o outro e o mundo à sua volta. Assim, o interesse pelas narrativas autobiográficas no meio científico é a expressão de um movimento social que trouxe a perspectiva dos sujeitos face às estruturas e aos sistemas, da qualidade face à quantidade, da vivência face ao instituído (Nóvoa, 2000).

A partir do momento em que se tornam importantes os significados, os sentidos e as identidades a narrativa converte-se numa estratégia preponderante para explicar, contextualizar, compreender e transformar a realidade. Na perspectiva de Wenger (1998) e Bolívar (2019) ao relatar a singularidade de uma vida reflete-se também a coletividade social em que esta está incluída, ou seja, construir uma identidade significa negociar os significados da nossa experiência como membros de comunidades sociais, entendemos que falar de identidade em termos sociais não é negar a individualidade, mas ver a individualidade como fazendo parte de práticas de comunidades específicas. Assim, “sabemos quem somos através do que é familiar, compreensível, usável e negociável; sabemos quem não somos pelo que é estranho, opaco, inutilizável e improdutivo” (Wenger, 1998, p. 153). A narrativa autobiográfica ajuda-nos a perceber como os fomos construindo profissionalmente, olhar para o passado pode ajudar-nos a encontrar explicação para significados nas ações que temos hoje como pessoas e profissionais que foram construindo o seu percurso cruzando-se com outros, dando sentido ao nosso posicionamento como profissionais da educação. Vemos que Bolívar (2012), ao tratar dos princípios epistemológicos e metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, destaca questões sobre a abordagem qualitativa de pesquisa e a vinculação do enfoque biográfico e narrativo



como uma das formas de superação de estudos pós-positivistas, centrando-se na reflexividade, na reconstrução de identidade, de percursos e trajetórias, mediante partilha de experiências e narrativas dos sujeitos. Como destaca Delory-Momberger (2000) o uso contemporâneo da história de vida enquadra-se num movimento histórico de emergência de “configurações plurais e divergentes da identidade biográfica” (2000, p. 7), num tempo marcado pela complexidade do social, do individual e das relações de interdependência que estabelecem entre si. Através da análise da investigação biográfica em educação, em Portugal, Cavaco (2018) verifica que o desenvolvimento profissional e a identidade dos professores são os temas mais estudados nos trabalhos analisados.

2. A narrativa: modelos de análise discursiva

Cruzar conhecimentos, entrelaçá-los e criar algo de novo que venha a servir o próprio conhecimento é uma linha metodológica que já não se pode considerar novidade, mas que não deixa de ser pertinente e oportuno na investigação em ciências sociais e da educação. A procura do caminho para utilizar as narrativas autobiográficas foi um processo moroso e desafiante que nos obrigou a pensar em diferentes perspetivas e modelos de análise que não se excluem mas que se complementam.

Seguindo a ideia metafórica do tempo, de Souza (2006), ou seja, o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido, seguiremos um esquema concetual com três tempos diferentes, o *Tempo I*: Reflexão sobre o vivido e seleção das unidades a narrar; *Tempo II*: Narração das experiências vividas e construção das unidades descritivas; *Tempo III*: Leitura interpretativa e compreensiva das narrativas. Num *Tempo I*, como investigador e ao mesmo tempo investigado, há necessidade de se fazer um esforço acrescido na recolha do vivido, pois temos de conseguir construir um projeto reflexivo pessoal, temos de interpretar o nosso próprio passado, fundamentar as nossas opções, decidir o que levou a ser e agir, ou seja, de certa maneira temos de reconstruir a nossa própria identidade. O termo “biografização” surgiu com Delory-Momberger (2014) e significa o processo que realizamos biografando as situações e os acontecimentos da nossa existência graças à capacidade de nos situarmos entre o presente, o passado e o futuro, fazer narrativamente uma “figura de si”. Neste Tempo I o sujeito encontra um grande dilema pois, enquanto investigado, tem o ponto de vista das suas experiências singulares, aquelas que têm

um significado relevante para si e, enquanto investigador, aspira encontrar pontos de vista comuns. A verdade é que um sujeito ao narrar a singularidade da sua vida acaba por refletir/retratar a coletividade social em que está inserido. Neste *Tempo I* o sujeito seleciona os episódios a narrar e organiza-os, normalmente por ordem temporal. No *Tempo II*, o sujeito faz um exercício introspetivo e solitário narrando episódios da sua vida. Esses episódios representam uma parte que adquire significado em função do todo, mas que também tem o seu

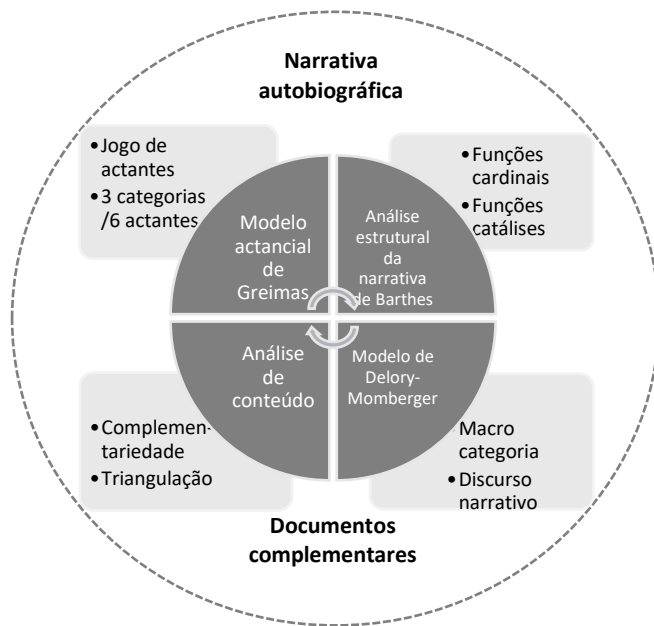


Figura 1 – modelo de análise interpretativa compreensiva da narrativa autobiográfica.

significado como unidade independente. Realizar este exercício de escrita, de recolha do vivido é libertador para o sujeito que acaba por se autoformar pois ao refletir sobre os seus “saberes acumulados, vivências e preocupações” o indivíduo está a fazer uma reapropriação da sua

própria vida dando-lhe um sentido de projeto de vida e identidade (Bolívar,

2019, p. 61). Relativamente à interpretação e compreensão da narrativa autobiográfica, num *Tempo III*, este é um processo complexo e requer uma interpretação hermenêutica, onde cada parte adquire o seu significado em função do todo. Porque concordamos com Bolívar (1996) quando afirma que “a pesar de la multitud de propuestas de análisis de datos, arrastramos un grave déficit metodológico sobre cómo analizar las entrevistas biográficas, que son discurso narrativo”, propomos para a análise da narrativa a mobilização de um modelo compósito que engloba quatro modelos de análise do discurso: a análise estrutural da narrativa (Barthes, 1981), a análise actancial de Greimas (1966, 1973), o modelo de Delory-Momberger (2000-2004) e a análise de conteúdo. A conjugação destas estratégias analíticas visa apreender a complexidade



da interpretação de uma narrativa, conjugar dispositivos analíticos distintos, mas complementares e pode representar-se pelo esquema apresentado na figura 1.

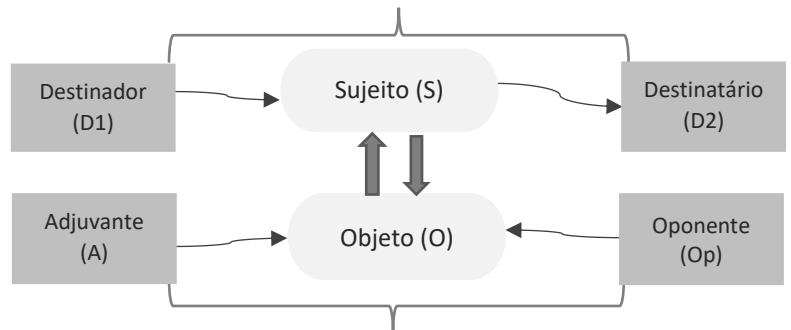
Roland Barthes: análise estrutural da narrativa

Na análise estrutural da narrativa, Barthes (1981, p. 33-34), numa perspetiva em que se deve definir as unidades narrativas mínimas, considera a função, do ponto de vista linguístico, uma unidade de conteúdo, é o que quer dizer e não a maneira como é dito. Segundo este autor, nas classes das funções as suas unidades não têm todas o mesmo papel. O que constitui e distingue estas funções é o risco. As funções cardinais são os momentos e risco da narrativa e entre estes pontos “*dispatchers*” as funções catálises representam a segurança, o repouso, não sendo, no entanto inúteis, elas aceleram, retardam, avançam, resumem, antecipam, “despertam sem cessar a tensão semântica do discurso”, mantendo o contacto entre o narrador e o narratário. Analisar a narrativa nesta perspetiva parece-nos enriquecedor e esclarecedor pois permite-nos identificar os núcleos da narrativa e também os momentos em que se dá continuidade à ligação entre o narrador e o narratário, mantendo a tensão e o *suspense* do discurso.

Modelo actancial de Greimas

Greimas (1973) propõe um modelo de análise estrutural do texto que permite compreender a estrutura das narrativas no seu todo, sejam elas teatro, novelas, romances, contos..., desde que se verifique um jogo entre actantes movido pelos seus desejos e vontades podendo-se “estabelecer um sistema que esclarecesse as relações mais profundas destas narrativas” (Santos, 2020, p. 142). O modelo actancial da narrativa, segundo Greimas (1966, 1973), Bertrand (2003); Hénault (2006), ancora-se em três categorias, formadas por seis actantes: Sujeito – Objeto | Destinador – Destinatário | Adjuvante – Oponente.

Em torno destes seis actantes estrutura-se toda a narrativa/diegese (podem ser personagens (sobretudo), mas também animais, sistemas de ideias, valores morais, forças transcendentais, fenómenos atmosféricos, etc.). Este modelo representa dinâmicas em tensão e/ou oposição, entre forças binárias; destinador (a força que faz ativar a ação, o que condiciona o comportamento do sujeito); o destinatário (pode ser o beneficiário da ação do sujeito, quem beneficia se o sujeito atingir o objeto); o sujeito pode ser o protagonista da ação (aquele que tem um projeto ou deseja algo); o objeto (pode ser o objetivo perseguido pelo sujeito, o que o sujeito deseja conseguir ou o que o move a atuar); os adjuvantes todos os que ajudam o sujeito a atingir o objeto, aqueles que o ajudam a superar as possibilidades de resistência oferecidas pelos oponentes e os oponentes todas as forças (aqueles ou aquilo) que contrariam a ação do sujeito, que dificultam que este consiga o objeto.



Na análise da narrativa, a definição dos actantes pode ser representada no esquema da figura 2 num sistema de seis categorias, em que as setas mostram as diferentes forças dentro da narrativa e ainda as ligações e ações que uns actantes têm sobre os outros. Este é um esquema apresentado por Ubersfeld (2010), baseado no modelo criado por Greimas, para aplicar o modelo actancial. “Eis como se apresenta o modelo actancial de seis casas tal como o concebeu Greimas” (Ubersfeld, 2010, p. 35).

Figura 2 - Modelo actancial de Greimas.
Fonte: Ubersfeld (2010, p. 35).

Christine Delory-Momberger

Partindo de um trabalho realizado por Delory-Momberger, C., (2000-2004), em que a autora realizou uma pesquisa que envolvia a biografia de jovens mulheres oriundas de três grandes cidades europeias, pareceu-nos pertinente e bastante adequado aplicar, na análise da narrativa autobiográfica, o dispositivo que esta autora adotou na sua investigação pois permite analisar a vida do sujeito/protagonista como uma macro categoria. Este modelo baseia-se nas seguintes

categorias: "formas do discurso", "esquema de ação", "motivos recorrentes" e "gestão biográfica" (Quadro I).

Quadro I – Modelo de análise das produções biográficas, segundo Delory-Momberger, C., 2000-2004) - (elaboração própria).

Categorias	Tipos	Descrição e observações sobre as categorias
1 – Formas do discurso	Narrativo/ Descritivo	Pode articular-se em diversos tipos de relatos segundo os modelos biográficos de referência. Descrever e explicar o presente, ou antecipar o futuro ou relembrar o passado.
	Explicativo	De que forma as histórias contadas agem sobre o sujeito, de que forma está relacionada com o seu crescimento. As histórias são uma procura, não se limita à narração.
	Avaliativo	Há um debate interior sobre o que se faz, o que se quer fazer e o que se pode fazer.
2 – Esquema de ação	Agir estratégico	É um agir seguro, com planificação, de negociação relacionado com posições ou representações profissionais seguras.
	Agir progressivo	Baseia-se na exploração das situações e dos acontecimentos e surge como uma construção progressiva.
	Agir arriscado	Em que se tenta conciliar interesses profissionais com interesses pessoais ou mesmo talentos pessoais.
	Agir na expectativa	É aquele agir em que o indivíduo se coloca “ao sabor da maré”, entrega-se às circunstâncias e aguarda para ver o que vai acontecer.
3 – Motivos recorrentes ou <i>topoi</i> *		A forma como são escritos esses <i>topoi</i> , ou seja, esses lugares privilegiados, os narradores constroem um sentimento de si próprios e a sua forma de estar na vida, por isso devem ser entendidos como lugares de reconhecimento e chaves de interpretação da vivência. O narrador pode ter mais do que um <i>tópos</i> .
4 – Gestão biográfica dos <i>topoi</i>		Nesta gestão a confrontação pode manifestar-se entre choques entre padrões biográficos veiculados pelos mundos sociais e as experiências vividas ou ainda pode ser observável nas fases deliberativas e avaliativas que obrigam à confrontação e negociação dos autores que têm de apreciar, negociar, ajustar a sua ação e a realidade socioindividual.

*do grego *tópos*, lugar comum.

Análise de conteúdo

Reconhecendo os riscos de se utilizar a memória que assumimos como reconstrutiva, por definição, como única fonte de análise, trabalhamos com triangulações de fontes e métodos. Assim, defendendo a ideia de alguns autores, como Bolívar (2019), a narração que uma pessoa faz da sua vida deve ser contextualizado e complementada com outras fontes para que se possam compreender os padrões de relações sociais, interações e construções em que essa vida está envolvida. O cruzamento da análise da narrativa com a análise documental, incidindo em fontes, como por exemplo notícias, fotos e outros documentos que colaboram na contextualização da narrativa de ações, pois uma história de vida tem como propósito definir o desenvolvimento de uma pessoa num contexto mais amplo que lhe dá sentido. Com a análise de conteúdo pretende-se alcançar uma “significação profunda, um sentido estável, conferido pelo locutor no próprio ato de produção do texto” (Rocha & Deusdará, 2005, p. 307). A análise



de conteúdo é, atualmente, “um conjunto de instrumentos e metodologias cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» extremamente diversificados” (Bardin, 1977, p. 9).

3. Conclusão

As reflexões teórico-metodológicas tecidas neste texto, destacam a importância das narrativas autobiográficas como fontes privilegiadas da pesquisa qualitativa para a construção de conhecimento em ciências sociais e de educação. Procuramos dar a conhecer porque acreditamos que o uso das narrativas na construção do conhecimento nas nossas investigações nos parece adequado e frutífero pois entendemos que são dispositivos de pesquisa, formação e intervenção social que devem respeitar a singularidade de quem narra tentando, no entanto, enlaçar as histórias individuais à grande história. Trata-se apenas de um trabalho exploratório em que se tentou apresentar um possível modelo metodológico na análise interpretativa e compreensiva das narrativas autobiográficas.

Referências bibliográficas

- Bardin L. (1977). *L'Analyse de contenu*. France: Presses Universitaires.
- Barthes, R. (1981). Introdução à análise estrutural da narrativa. In *Análise Estrutural da Narrativa (7ª)*. Editora Vozes.
- Bolívar, A. (1996). *A Pesquisa Biográfica e Narrativa: fundamentos epistemológicos e metodológicos*. 1–22.
- Bolívar, A. (2019). *La investigación (auto) biográfica en educación*. 1.ª edição. Barcelona: Ediciones OCTAEDRO, S.L.
- Bertrand, D. (2003). *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo Casa. Bauru: EDUSC.
- Cavaco, C. (2018). *A investigação biográfica em educação no contexto português*. January 2019.
- Delory-Momberger, C. (2000). *Les histoires de vie: de l'invention de soi au projet de formation*. Paris: Anthropos.
- Delory-Momberger C. (2003), *Biographie et Education*. Figures de l'individu projet, Paris, Anthropos.
- Delory-Momberger, C. (2005). *Histoire de vie et recherche biographique en éducation*, Paris, Anthropos.
- Delory-Momberger, Christine. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educacao*, 17(51), 523–740. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>
- Ferrarotti, F. (1981). Sobre la autonomía del método biográfico. *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, 121–128.

- Ferrarotti, F. (1988). Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 17-34.
- Greimas, A. J. (1973). Semântica Estrutural. Tradução de H. Osakape e I. Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix da Universidade de São Paulo.
- Hénault, A. (2006). História concisa da Semiótica. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.
- Nóvoa, A (2000). Os professores e as histórias da sua vida. In: (Org) Vidas de Professores. Porto: Porto, 11-30.
- Poirier, J., Clapier-Valladon S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida: Teoria e Prática*, (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Ricoeur, P. (2006), Percurso do reconhecimento. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo, Loyola.
- Rocha, D., & Deusdará, B. (2005). Análise de conteúdo e análise do discurso: O lingüístico e seu entorno. *ALEA*, 7, 305–322. <https://doi.org/10.1590/s0102-44502006000100002>
- Santos, B. de S. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. 13. ed. Porto: Afrontamento.
- Santos, B. de S. (2000). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Santos, B. (2019). Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Boaventura de Sousa Santos*, 31–70. <https://doi.org/10.2307/j.ctvt6rkt3.6>
- Santos, M. S. (2020). Aplicando O Modelo Actancial Em “O Boi Dos Chifres De Ouro”, De Ivo Bender. *Cena*, 31, 139–148. <https://doi.org/10.22456/2236-3254.97981>
- Silva, F.; Maia, S. (n.d.). *Narrativas Autobiográficas: interfaces com a pesquisa sobre formação de professores*. 12. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Souza, E. C. (2006). A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n.11, p. 22-39, jan./abr. 2006.
- Vala, J. (1977). A Análise de Conteúdo. In L. Bardin (Ed.), *Análise de conteúdo* (70th ed., pp. 102–128).